

# CARLOS SELVAGEM TEATRO COMPLETO

Com peças inéditas

introdução, pesquisa e análise crítica de DUARTE IVO CRUZ

I



BIBLIOTECA DE AUTORES  
PORTUGUESES

AP



ULFL01100071

# CARLOS SELVAGEM TEATRO COMPLETO

Com peças inéditas

introdução, pesquisa e análise crítica de DUARTE IVO CRUZ

I

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA

TEATRO COMPLETO  
DE  
CARLOS SELVAGEM

Com peças inéditas

## ENTRE GIESTAS

(Drama rural em três actos)

[1916]

À memória humilde de  
M. J.  
a humilde rapariga beiroa que  
viveu este drama obscuro  
dedica

*Carlos Selvagem*

### PERSONAGENS

Ti'JACINTO CRAVO, 63 anos, lavrador abastado  
SIMÃO GEADAS, 57 anos, pequeno lavrador  
ANTÔNIO GEADAS, seu filho, 25 anos  
Ti'MARTINHO GRAVE, 42 anos, feitor de Jacinto  
O SR. VIGÁRIO, 56 anos  
MIGUEL MATEUS, 20 anos  
MANUEL, 39 anos, manager  
JOAQUIM FILIPE, ganhão  
JERÔNIMO, moço de lavoura  
JOÃO DUARTE, moço de lavoura  
CLARA, 23 anos, jornalista  
AUGUSTA DO CRAVO, 57 anos, mulher de Jacinto  
MARIA JOAQUINA, 22 anos, sua filha  
MARIA DO CARMO, 19 anos, criada de Jacinto  
ROSÁRIA, 27 anos, jornalista  
AMÉLIA, jornalista  
Ti'JOANA DO CANTO, 32 anos, mulher do povo  
ISABEL E OUTRAS, 20, 21 anos, jornalistas

Uma aldeia da Charneca. Beira Baixa  
Actualidade



## PRIMEIRO ACTO

*Domingo à tarde, por fins de Julho, no terreiro da fonte.*

*Um trecho de Serra beiroa.*

*Cerrado à esquerda por um velho muro de quinta, o terreiro é vasto, liso, tapizado de folhas secas e todo ensombrado pelas ramagens altas de duas sobreiras.*

*A fonte é escavada em rocha viva, à base duma escarpa que sobe à direita em áspero declive, toda vestida de fetos silvestres, musgos, raízes, e se perde sob as folhagens duma velha figueira, debruçada sobre a fonte.*

*A bacia é tosca, de granito. A bica, uma telha de barro donde corre, num murmúrio, um doce fio de água. E há dois bancos de pedra, esverdeados e toscos, ladeando a pedra da fonte.*

*Um cruzeiro de granito, enegrecido e batido pelos ventos agrestes da Serra, ergue-se, ao fundo, numa peanha de três degraus. Por detrás do cruzeiro passa um caminho velho, entre sebes e silvados em flor.*

*Para além do caminho e das sebes desce a encosta, de que apenas se vêem franças de olivedos. E lá ao longe, nas tintas cambiantes do entardecer, esfumam-se e perdem-se em céus remotos de país montanhoso, cumeadas, lombas e cristas duma cordilheira.*

*Quase sol-posto. O dia esmorece por detrás das serras. É a hora bendita em que os rebanhos descem dos montes, arrastando na aragem da tarde a melopeia lenta dos chocalhos.*

## PRIMEIRA CENA

CLARA, MARIA JOAQUINA, ROSÁRIA, AMÉLIA,  
MARIA DO CARMO, ISABEL E OUTRAS

*(O rancho alegre de raparigas, espalhado pelos degraus do cruzeiro, pelos bancos da fonte, goza o fresco da tarde domingueira, conversando e trincando pinhões e tremoços.)*

ROSÁRIA *(dos degraus do cruzeiro)* — Ah, Maria do Carmo! És que dês daí mais uns pinhões, cachopinha?...

MARIA DO CARMO *(do seu poiso, à borda da fonte)* — Mal empregado tempo!... Vem cá buscá-los!

ROSÁRIA *(erguendo-se a custo)* — Credo! Já vai pegando a moléstia da Clara. Os bons costumes não nos tomais vós, diabos!

CLARA *(com arrogância)* — É para que saibas! Bem haja eu!... Quem quer criadas, paga-as.

AMÉLIA *(implacável)* — Não te caiam nos parentes na lama, fidalga!... Ora não há! Vai o mundo roto...

ROSÁRIA (*voltando ao seu poiso*) — É o que faz ter namorado rico! Pasmado que seja...

AMÉLIA (*um gesto de troça*) — Ora! «Ganhe ele o pão e tenha focinho de cão» — já minha avó dizia!

(*Ti'Joana do Canto entra da esquerda, com o cântaro à cabeça, direita à fonte.*)

## SEGUNDA CENA

### AS MESMAS E TI'JOANA

TI'JOANA (*saudando*) — Sejam lá com Deus, cachopas!

ISABEL, ROSÁRIA, CLARA, OUTRAS (*correspondendo*) — Viva lá, Ti'Joana! Bem haja!...

MARIA DO CARMO (*galhofeira*) — Também vem hoje bailar?!...

TI'JOANA (*enchendo o cântaro debaixo da bica*) — Boa vai ela!... A minha dança agora é outra, venenos! É a canalha, agarrada às saias, a pedir-me a ceia. Para vós é que ela vai! Olá!... Bons tempos, bons tempos!... Agarrá-los!...

ISABEL — Ah Ti'Joana!... E esses diabos?... Onde estão eles?!...

TI'JOANA — Os cachopos!?!... Pois, ao domingo, onde quereis vós encontrá-los?!... Ide à venda, à do Ti'Mateus!... Perdidos ou achados, lá os vereis!...

MARIA DO CARMO — Diabos os comam!... E nós aqui, derramadinhas...

TI'JOANA (*os braços em ânfora, pondo o cântaro à cabeça*) — Bem, raparigas! Divertir-vos!... (*E fazendo um passo para sair*) Adeus!... O tempo é agora, antes de virem nos rebanhos de filhos!... Depois, nem domingos, nem festas!...

AMÉLIA — Pois sim, Ti'Joana! Vá lá com Deus!...

OUTRAS (*também*) — Vá lá com Deus!...

CLARA (*ainda*) — E esses diabos que venham. Ti'Joana!... Diga-lho lá! Já dá o sol na Serra...

TI'JOANA (*desaparecendo detrás dos silvados*) — Eu direi, eu direi!... Descansai!

## TERCEIRA CENA

### AS MESMAS MENOS TI'JOANA

MARIA DO CARMO (*num enfado*) — Mal hajam nas vendas, e mais o vinho!...

ISABEL — Até nisso a Clara tem sorte!...



- CLARA — O meu proveito!... Foi por isso que escolhi.
- AMÉLIA (*logo, inexorável*) — Ai, a moça desembaraçada!... E então o Geadas? Quando falavas mais o Geadas era também por môr disso?!...
- CLARA (*com arrego*) — São contas do meu rosário!... Não vos dê guerra!...
- ROSÁRIA (*à Clara*) — Saiu-te o gado vespeiro, cachopinha!
- AMÉLIA — Nada não, que o velho Simão já era que deixasse!...
- CLARA — O pai não foi para aí havido nem achado! Por isso, podeis-vos calar!...
- ROSÁRIA (*com intenção*) — O Geadas, um cachopo solteiro, com tão boa legítima!...
- AMÉLIA — E bem parecido, desenxovalhado, belo moço!...
- ROSÁRIA (*ainda a Clara*) — Para outro destino o talharam, cachopinha! (*À Maria Joaquina, com malícia*) Pois sim, Maria Joaquina?...
- MARIA JOAQUINA (*numa segura*) — Vós que o dizeis...!
- ISABEL (*a Clara*) — Mas deixa, mulher!... Nada perdeste. O Miguel Mateus não fica atrás em nada ao Geadas!...
- ROSÁRIA (*num exagero*) — Ai, a comparação!...
- ISABEL (*à Clara, com sinceridade*) — Vai ser uma arregaçada de bens, que nada te há-de faltar. Boa desforra tiraste...
- AMÉLIA (*com despeito*) — É um pasmado, um nanho!...
- CLARA — É um cachopo de bons sentimentos, é um homem honrado!... Sabeis?!...
- ROSÁRIA — O sonso!...
- CLARA (*ainda*) — Mais mal ou mais bem, acareia a sua vida e trata da sua casa. Que sempre os tenha, esses defeitos!...
- AMÉLIA — O Geadas é outra loiça.
- ISABEL — Por armar as brigas em toda a parte?!... Jesus!
- CLARA — Que lhe façam bom proveito os desembaraços!...
- ROSÁRIA — Um homem quer-se valente. E o Geadas não no fica a dever a ninguém, de brioso!
- AMÉLIA — E zomba sempre dos mais!... Àquela vez da Senhora do Valverde que até os cabos de polícia andaram...

CLARA (*num desprezo*) — Um valente! Um farromba!... Até que venha um que zombe dele. Um dia lhe darão pelas ventas as valentias.

ISABEL — Dizes bem, cachopa! O teu Miguel, com ser somenos, há-de fazer mais feliz aquela que o levar! E vais passar vida regalada, por modos. Vais ser mais rica ainda que o Geadas. Dá-lhes com esta!...

ROSÁRIA (*dum modo sibilino*) — E daí... Não me doa a mim a cabeça! Quem sabe ainda o que será?!...

AMÉLIA — Agora, demais a mais que vai para soldado!... Sabe Deus...!  
(*Surgindo à esquerda, por detrás do muro, em ar de passeio, o Sr. Vigário e o Ti'Martinho passam, pachorrentamente, no caminho ao fundo.*)

#### QUARTA CENA

AS MESMAS, TI'MARTINHO E O SR. VIGÁRIO

AS RAPARIGAS (*erguendo-se, saudando com respeito*) — Deus lhe dê muito boas tardes, Sr. Vigário!...

SR. VIGÁRIO — Adeus, raparigas! Boas tardes!...

TI'MARTINHO (*também*) — Olá, cachopas! Boas tardes!... (*E desaparecem ambos, no caminho.*)

#### QUINTA CENA

AS MESMAS MENOS TI'MARTINHO E O SR. VIGÁRIO

MARIA DO CARMO (*logo*) — Olhai, diabos!... Se ele nos pilha a falazar, falazar, como há pedaço...!

AMÉLIA (*abespinhada*) — É então?! Que mal havia?!... Não chocalhámos a vida a ninguém, por modos!...

CLARA — Ai! Seja pelas santíssimas chagas! A heresia!...

ISABEL (*ainda*) — Ele vos cantaria o responso!...

(*Há um silêncio.*)

ROSÁRIA (*depois*) — Credo, Senhor!... Para aquele, também, não há quem mereça o Céu! Cada sermão, cada responso!... Até uma pessoa desespera da salvação!...

AMÉLIA (*num gesto vago*) — São ideias. Estes padres novos...!



ROSÁRIA (*numa reminiscência*) — Vós inda sois que vos lembre o Vigário velho?!...

MARIA DO CARMO — Ouvi-o dizer...

ROSÁRIA — Éreis ainda cachopelhas quando foi a enterrar!... (*Numa saudade*)  
Aquele, sim! Santo velhinho ele era!... Coitado. Diziam que tinha poucos estudos... Mas antes a gente se queria com ele!... Umas maneiras tão lindas... Um modo assim de falar à gente...! O Céu era para os pobrezinhos!... E tudo era dar, dar, aquelas mãos largas!... Ainda me lembro dele à doutrina, para a comunhão. Éreis ainda cachopelhas quando ele morreu!...

ISABEL (*numa saudade ainda*) — Já não há desses, agora!...

(*Miguel Mateus surge no caminho.*)

#### SEXTA CENA

#### AS MESMAS E MIGUEL MATEUS

MIGUEL (*dando a saudação*) — Eh lá, cachopas!... Boas tardes! Boas horas!  
(*E desce ao terreiro.*)

MARIA DO CARMO E OUTRAS — Viva, Ti'Miguel!... Bem haja! Salve-o Deus!...

AMÉLIA (*irónica*) — Ah! cachopo! chachopo!... Que tens o coração duro!...

MIGUEL — De quê?!...

AMÉLIA — De que sim!... A Clara aí numa ânsia, há tanto tempo...!

MIGUEL — Ai!... Ela bem sabe que eu não lhe abalo. O meu coração é constante. Ora sim, Clara?!...

CLARA (*num enfado*) — Deixa-as falar, homem! Eram elas... Elas que deram aí a atirar-nos como Santiago aos mouros! Se as tiveras ouvido...!

MIGUEL — E o que diziam?!...

CLARA — Doudeiras. Que mais havia de ser?!...

MIGUEL — E tu prestaste-lhes ouvidos, por modos?

CLARA (*excitada*) — Entraram-me a um ouvido e saíram-me ao outro, sabes?!  
É o que vale.

MIGUEL (*escarminho*) — O que vos afronta, diabos, sei eu. Nem disfarçar sabeis!... Mas olhai, que nunca o invejoso medrou...

AMÉLIA (*excitada*) — Ora não há! Inveja de quê?! Inveja de quem?

MIGUEL — Inveja, pois! Inveja da Clara, inveja de quem é a mais linda rosa...

ROSÁRIA (*zombeteira*) — Ai, Senhora do Carmo! Que lá se baba a cachopa!...

CLARA — Cala-te aí, doudo, com essas cantigas!...

MIGUEL (*ainda*) — E vós, sapos ruins, heis-de ir à cova, de véu branco e palmito, mais encouchadas e engelhadas que uma cortiça velha!...

AMÉLIA (*uma crispção de azedume*) — Eh cachopas! Não quereis lá ver o tropeço?!...

ROSÁRIA — Pois quem lhe há-de gabar a noiva?!... (*E à guisa de comentário, numa toada arrastada e melancólica*) «Rapariga tola, tola.»

AS OUTRAS (*em coro, na mesma toada*):

.....  
«Rapariga tola, tola,  
Olha o que tu vais fazer  
Oh, és tão linda!  
Olha o que tu vais fazer...»

MIGUEL (*entretanto, dominando a cantiga*) — Cantai! Cantai!... Logo haveis de bailar... Ao dia da nossa boda!... Quando a Clara for minha!... Desafogai agora as penachas, ao menos!...

AS RAPARIGAS (*continuando*):

«Vais casar com um soldado  
Vais casar com um soldado  
Mais te valera morrer!  
Oh, és tão linda!  
Inda te há-de arrepender!»

MIGUEL (*mais excitado, entretanto*) — Soldado?!... Se for!... E não há-de ser toda a vida, queira Deus! Oh! Oh!... E depois, quando eu tornar à minha liberdade, não-de ser minhas ainda, as minhas tapadas, as minhas hortas, e toda a minha fazenda!... Que é o que vos afronta!...

CLARA (*enervada*) — Mas não te amofines, homem! Deixa-as falar!...

MIGUEL — E só por amor disso, Clara, se eu ficar livre agora às sortes, heis-de arreceber-te ainda mais cedo...

ISABEL — Olha agora! Tendes tempo!...

MIGUEL (*ainda à Clara*) — Já vão os papéis tratados, já vai tudo aviado... Há-de ser ao dia da Senhora de Agosto!... Nem chega a faltar um mês!